

O QUE É A OBSESSÃO

1. As dimensões da vida

O avanço atual da pesquisa científica no mundo, com a descoberta da antimatéria, do corpo-bioplásmico dos seres vivos (perispírito, segundo o Espiritismo), dos fenômenos paranormais e da sobrevivência humana após a morte física, bem como das comunicações mentais entre vivos e mortos (fenômenos thêta da Parapsicologia) confirmou a descoberta espírita das várias dimensões da vida. Essas dimensões correspondem a diversas densidades da matéria, que permitem a existência dos mundos interpenetrados da teoria espírita.

A descoberta de que o pensamento e a mente não são físicos, mas extrafísicos (segundo a definição do Prof. Rhine) e semimateriais, segundo o Espiritismo, demonstrou a realidade dos diferentes planos de vida, habitados por seres humanos em diferentes graus de evolução. A reencarnação e as comunicações mediúnicas tornaram-se necessárias nesse contexto dinâmico em que não há lugar para o nada. A transcendência humana se realiza nos planos sucessivos, que vão desde o plano de matéria densa da Terra até os planos de matéria rarefeita que escapam aos nossos sentidos materiais. Não há mais lugar para a concepção materialista absoluta na cultura científica e filosófica do nosso tempo.

Obsessão / O Passe / A Doutrinação / J. Herculano Pires – cap. II

149. Que sucede à alma no instante da morte?

"Volta a ser Espírito, isto é, volta ao mundo dos Espíritos, donde se apartara momentaneamente".

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – cap. III

76. Que definição se pode dar dos Espíritos?

"Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material".

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – cap. I

135. Há no homem alguma outra coisa além da alma e do corpo?

"Há o laço que liga a alma ao corpo."

a) - De que natureza é esse laço?

"Semimaterial, isto é, de natureza intermédia entre o Espírito e o corpo. É preciso que seja assim para que os dois se possam comunicar um com o outro. Por meio desse laço é que o Espírito atua sobre a matéria e reciprocamente."

O homem é, portanto, formado de três partes essenciais:

– O corpo ou ser material, análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital.

– A alma, Espírito encarnado que tem no corpo a sua habitação.

– O princípio intermediário, ou perispírito, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Tais, num fruto, o gérmen, o perisperma e a casca.

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – cap. II

b) - A alma passa então por muitas existências corporais?

"Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse o desejo deles".

c) - Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender?

"Evidentemente".

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – cap. IV

167. Qual o fim objetivado com a reencarnação?

"Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?"

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – cap. IV

2. As influências espirituais

456. Vêem os Espíritos tudo o que fazemos?

"Podem ver, pois que constantemente vos rodeiam. Cada um, porém, só vê aquilo a que dá atenção. Não se ocupam com o que lhes é indiferente".

457. Podem os Espíritos conhecer os nossos mais secretos pensamentos?

"Muitas vezes chegam a conhecer o que desejaríeis ocultar de vós mesmos. Nem atos, nem pensamentos se lhes podem dissimular".

459. Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?

"Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem".

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – cap. IX

A assertiva dos Espíritos a Allan Kardec demonstra que, na maioria das vezes, estamos todos nós - encarnados - agindo sob a influência de entidades espirituais que se afinam com o nosso modo de pensar e de ser, ou em cujas faixas vibratórias respiramos.

Isto não nos deve causar admiração, pois se analisarmos a questão sob o aspecto puramente terrestre chegaremos à conclusão de que vivemos em permanente sintonia com as pessoas que nos rodeiam, familiares ou não, das quais recebemos influências através das idéias que exteriorizam, dos exemplos que nos são dados, e também que influenciemos com a nossa personalidade e pontos de vista.

Quando acontece de não conseguirmos exercer influência sobre alguém de nosso convívio e que desejamos aja sob o nosso prisma pessoal, via de regra tentamos por todos os meios convencê-lo com argumentos persuasivos de diferente intensidade, a fim de lograrmos o nosso intento.

Natural, portanto, ocorra o mesmo com os habitantes do mundo espiritual, já que são eles os seres humanos desencarnados, não tendo mudado, pelo simples fato de deixarem o invólucro carnal, a sua maneira de pensar e as características da sua personalidade.

Assim, vamos encontrar desde a atuação benéfica de Benfeitores e Amigos Espirituais, que buscam encaminhar-nos para o bem, até os familiares que, vencendo o túmulo, desejam prosseguir gerindo os membros do seu clã familiar, seja com bons ou maus intentos, bem como aqueles outros a quem prejudicamos com atos de maior ou menor gravidade, nesta ou em anteriores reencarnações, e que nos procuram, no tempo e no espaço, para cobrar a dívida que contraímos.

Por sua vez, os que estão no plano extrafísico também se acham passíveis das mesmas influências, partidas de mentes que lhes compartilham o modo de pensar, ou de outras que se situam em planos superiores, e, no caso de serem ainda de evolução mediana ou inferior, de desafetos, de seres que se buscam intensamente pelo pensamento, num conúbio de vibrações e sentimentos incessantes. Essa permuta é contínua e cabe a cada indivíduo escolher, optar pela onda mental com que irá sintonizar. Portanto, a resposta dos Espíritos a Kardec nos dá uma noção exata do intercâmbio existente entre os seres humanos, seja ele inconsciente ou não, mas, de qualquer modo, real e constante.

Obsessão/Desobsessão – Suely C. Schubert – pág. 25e 26

O pensamento geral, erroneamente difundido além-fronteiras do Espiritismo, é de que médium somente o é aquele que dá passividade aos desencarnados, oferecendo-lhes a organização medianímica para a transmissão da palavra falada ou escrita.

Em verdade, porém, médiuns somos todos nós que registramos, consciente ou inconscientemente, idéias e sugestões dos Espíritos, externando-as, muita vez, como se fossem nossas.

Mediunidade, pois, é meio de comunicação entre o mundo espiritual e o mundo físico. Convivência e intercâmbio.

Mediunidade e Evolução – Martins Peralva – cap. 2 e 7

"Mediunidade, em boa sinonímia, é, sobretudo, sintonia, afinidade."

Emmanuel

Pois que os Espíritos existiram em todos os tempos, também desde todos os tempos representaram o mesmo papel, porque esse papel é da natureza e a prova está no grande número que sempre houve de pessoas obsidiadas, ou possessas, se o preferirem, antes que se falasse de Espíritos, ou que, nos dias atuais, se ouvisse falar de Espiritismo, nem de médiuns. É, pois, espontânea a ação dos Espíritos, bons ou maus; a destes produz uma imensidade de perturbações na economia moral e mesmo física, perturbações que, por ignorância da verdadeira causa, atribuíam a causas errôneas. Os Espíritos maus são inimigos invisíveis, tanto mais perigosos, quanto da ação deles não se suspeitava. Desmascarando-os, o Espiritismo revela uma nova causa de certos males da Humanidade. Conhecida a causa, não mais se procurará combater o mal por meios que já se sabem inúteis; procurar-se-ão outros mais eficazes. Ora, que foi o que fez se descobrisse aquela causa? A mediunidade. Foi pela mediunidade que esses inimigos ocultos traíram a sua presença; ela foi para eles o que o microscópio foi para os infinitamente pequenos: revelou todo um mundo. O Espiritismo não atraiu os maus Espíritos: desvendou-os e forneceu os meios de se lhes paralisar a ação e, por conseguinte, de afastá-los. Não foi ele quem trouxe o mal, visto que o mal existe desde todos os tempos; ele, ao contrário, dá remédio ao mal, apontando-lhe a causa. Uma vez reconhecida, a ação do mundo invisível, ter-se-á a explicação de um sem-número de fenômenos incompreendidos e a Ciência, enriquecida com o conhecimento dessa nova lei, verá abrir-se diante de si novos horizontes. Quando chegará ela a isso? Quando deixar de professar o materialismo, porquanto o materialismo lhe detém o vôo, opondo-lhe intransponível barreira.

Obras Póstumas – Allan Kardec – pág. 69

3. Nem tudo é ação dos espíritos

253. Cumprе, todavia, se não atribuam à ação direta dos Espíritos todas as contrariedades que se possam experimentar, as quais, não raro, decorrem da incúria ou da imprevidência. Um agricultor nos escreveu certo dia que, havia doze anos, toda sorte de infelicidades lhe acontecia, relativamente ao seu gado; ora eram as vacas que morriam, ou deixavam de dar leite, ora eram os cavalos, os carneiros ou os porcos que sucumbiam. Fez muitas novenas, que em nada remediaram o mal, do mesmo modo que nada obteve com as missas que mandou celebrar, nem com os exorcismos que mandou praticar. Persuadiu-se, então, de acordo com o preconceito dos campos, de que lhe haviam enfeitiçado os animais. Supondo-nos, sem dúvida, dotados de um poder esconjurador maior do que o do cura da sua aldeia, pediu o nosso parecer. Foi a seguinte a resposta que obtivemos: "A mortalidade ou as enfermidades do gado desse homem provêm de que seus currais estão infetados e ele não os repara, porque custa dinheiro".

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – cap. XXIII

Cumprе também dizer que amiúde se atribuem aos Espíritos maldades de que eles são inocentes. Alguns estados doentios e certas aberrações que se lançam à conta de uma causa oculta, derivam do

Espírito do próprio indivíduo. As contrariedades que de ordinário cada um concentra em si mesmo, principalmente os desgostos amorosos, dão lugar, com freqüência, a atos excêntricos, que fora errôneo considerar-se fruto da obsessão. O homem não raramente é o obsessor de si mesmo.

Obras Póstumas – Allan Kardec – pág. 72

4. O que é a obsessão

A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais.

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. XXIII – item 81

Obsessão - do latim **obsessio**. Impertinência, perseguição, vexação. Preocupação com determinada idéia, que domina doentamente o espírito, e resultante ou não de sentimentos recalcados; idéia fixa; mania.¹

Vulgarmente a palavra **obsessão** é usada para significar **idéia fixa em alguma coisa**, gerando um estado mental doentio, daí podendo advir manias, cacoetes, atitudes estranhas.

Entre nós, espíritas, o termo tem acepção mais profunda, tal como foi colocado pelo Codificador. Confrontando a significação vulgar do vocábulo e a definição de Kardec, verificaremos que a "preocupação com determinada idéia, que domina doentamente o espírito", pode também resultar da certeza da culpa existente nos recessos da mente, denotando realmente "perseguição" a traduzir-se na presença do obsessor que vem desferrar-se do antigo algoz ou comparsa.

Resumindo, diremos: configura-se a obsessão toda vez que alguém, encarnado ou desencarnado, exercer sobre outrem constrição mental negativa - por um motivo qualquer - através de simples sugestão, indução ou coação, com o objetivo de domínio - processo esse que se repete continuamente, na Terra ou no Plano Espiritual inferior. E, por conseguinte, teremos o **obsessor** e o **obsidiado**.

Obsessão/Desobsessão – Suely C. Schubert – cap. 31

Entre os escolhos que apresenta a prática do Espiritismo, cumpre se coloque na primeira linha a obsessão, isto é, domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons espíritos nenhum constrangimento infligem. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, retiram-se. Os maus, ao contrário, se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas. Se chegam a dominar algum, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fora verdadeira criança.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – Cap. XXIII

Em linguagem espírita, obsessão é a ação prejudicial, insistente, dominadora, de um espírito sobre outro (exercida por conta própria ou a mando de terceiros). Em alguns casos, quando a ação é intensa e continuada, pode vir a causar prejuízos no organismo do obsidiado.

Obs.: A ação dos bons espíritos sobre alguém nunca é obsessão porque é sempre benéfica e não dominadora, respeitando o livre arbítrio da criatura.

Estudos Sobre Mediunidade – 4º fascículo – Pág. 135

¹ Nosso Dicionário da Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda

A obsessão consiste no domínio que os maus espíritos assumem sobre certas pessoas, com o objetivo de as escravizar e submeter à vontade deles, pelo prazer que experimentam em fazer o mal.

Obras Póstumas – Allan Kardec – pág. 67

5. Por que acontece

- **Por débito de um Espírito para com outro**
Originado nesta ou em outra vida (ex.: vingança, oposição, etc.)
- **Pela afinidade que atrai um espírito para outro**

Pela lei da afinidade moral, participamos de um grupo de Espíritos cujos gostos e inclinação são idênticos aos nossos. Nossas imperfeições atraem para junto de nós Espíritos com idênticas imperfeições, vícios e falhas morais tais como: alcoolismo, maledicência, ambição, sexualismo exacerbado etc. O mau uso da mediunidade é uma falha que também atrai maus espíritos.

Se houver, também, afinidade fluídica, o Espírito obsessivo terá campo livre para maior ação sobre o obsidiado.

Mas, o que prende junto a nós o obsessivo, não é propriamente a afinidade fluídica e sim a moral. Ex: "O Móvel da Obsessão" de Hilário Silva, em "A Vida Escreve", Cap. 11, psicografado por Francisco Cândido Xavier.

3 - Pela falta de ação do bem

Na resposta dos Espíritos à pergunta 642 de "O Livro dos Espíritos", aprendemos que devemos fazer o bem no limite de nossas forças, e que responderemos por todo o mal que resultar de não termos praticado o bem. Por isso, muitas vezes, a obsessão que sofremos é pela nossa omissão ante o bem que sabemos e podemos fazer. Incluamos aqui, o não exercício da faculdade mediúnica que se possui, em favor de todos.

Estudos Sobre Mediunidade – 4º fascículo – pág. 135

Os espíritos maus pululam em torno da Terra, em virtude da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfazeja que eles desenvolvem faz parte dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão, como as enfermidades e todas as tribulações da vida, deve ser considerada prova ou expiação e como tal aceita.

Do mesmo modo que as doenças resultam das imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral, que dá acesso a um Espírito mau. A causas físicas se opõem forças físicas; a uma causa moral, tem-se de opor uma força moral. Para preservá-lo das enfermidades, fortifica-se o corpo; para isentá-lo da obsessão, é preciso fortificar a alma, pelo que necessário se torna que o obsidiado trabalhe pela sua própria melhoria, o que as mais das vezes basta para o livrar do obsessivo, sem recorrer a terceiros. O auxílio destes se faz indispensável, quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque aí não raro o paciente perde a vontade e o livre arbítrio.

Quase sempre, a obsessão exprime a vingança que um Espírito tira e que com freqüência se radica nas relações que o obsidiado manteve com ele em precedente existência.

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – Cap. XXVIII

As causas da obsessão variam, de acordo com o caráter do Espírito. É, às vezes, uma vingança que este toma de um indivíduo de quem guarda queixas do tempo de outra existência. Muitas vezes, também, não há mais do que o desejo de fazer mal: o Espírito, como sofre, entende de fazer que os outros sofram; encontra uma espécie de gozo em os atormentar, em os vexar, e a impaciência que por isso a

vítima demonstra mais o exacerba, porque esse é o objetivo que colima, ao passo que a paciência o leva a cansar-se. Com o irritar-se e mostrar-se despeitado, o perseguido faz exatamente o que quer o seu perseguidor. Esses Espíritos agem, não raro por ódio e inveja do bem; daí o lançarem suas vistas malfazejas sobre as pessoas mais honestas. Um deles se apegou como "tinha" a uma honrada família do nosso conhecimento, à qual, aliás, não teve a satisfação de enganar. Interrogado acerca do motivo por que se agarrara a pessoas distintas, em vez de o fazer a homens maus como ele, respondeu: "estes não me causam inveja". Outros são guiados por um sentimento de covardia, que os induz a se aproveitarem da fraqueza moral de certos indivíduos, que eles sabem incapazes de lhes resistirem. Um destes últimos, que subjugava um rapaz de inteligência muito apoucada, interrogado sobre os motivos dessa escolha, respondeu: "*tenho grandíssima necessidade de atormentar alguém; uma pessoa criteriosa me repeliria; ligo-me a um idiota, que nenhuma força me opõe.*"

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – Cap. XXIII

Obsessão - cobrança que bate às portas da alma - é um processo bilateral. Faz-se presente porque existe de um lado o cobrador, sequioso de vingança, sentindo-se ferido e injustiçado, e de outro o devedor, trazendo impresso no seu perispírito as matrizes da culpa, do remorso ou do ódio que não se extinguiu.

A obsessão, tanto vista do ângulo do obsidiado quanto do prisma do obsessivo, somente ocorre porque os seres humanos ainda carregam em suas almas mais elevada taxa de sombras que de luz. Enquanto isso ocorrer, haverá obsessores e obsidiados: o domínio negativo de quem é mentalmente mais forte, sobre o mais fraco; do credor sobre o devedor. E haverá algozes e vítimas.

Tal estado de coisas unicamente se harmonizará quando existirem apenas irmãos que se amem.

Obsessão/Desobsessão – Suely C. Schubert – pág. 31

As causas da obsessão decorrem de vários fatores, dos quais os mais freqüentes são: problemas reencarnatórios, tendências viciosas, egoísmo excessivo, ambições desmedidas, aversão a certas pessoas, ódio, sentimentos de vingança, futilidade, vaidade exagerada, apego ao dinheiro e assim por diante. Essas disposições da criatura atraem espíritos afins que a envolvem e são aceitos por ela como companheiros invisíveis. Os Espíritos obsessores não são os únicos culpados da obsessão. Geralmente o maior culpado é a vítima.

Obsessão / O Passe / A Doutrinação – J. Herculano Pires – pág. 2

Amores exacerbados, ódios incoercíveis, dominação absolutista, fanatismo injustificável, avareza incontrolável, morbidez ciumenta, abusos do direito como da força, má distribuição de valores e recursos financeiros, aquisição indigna da posse transitória, paixões políticas e guerreiras, ganância em relação aos bens perecíveis, orgulho e presunção, egoísmo nas suas múltiplas facetas são as fontes geratrizes desse funesto condutor de homens, que não cessa de atirá-los nos resvaladouros da loucura, das enfermidades portadoras de síndromes desconhecidas e perturbantes do suicídio direto ou indireto que traz novos agravamentos àquele que se lhe submete, inerme, à ação destrutiva.

Originária, às vezes, da consciência perturbada pelas faltas cometidas nas existências passadas, e ainda não expungidas - renascendo em forma de remorsos, recalques, complexos negativos, frustrações, ansiedades -, impõe o auto-suplicamento, capaz, de certo modo, de dificultar novos deslizes, mas ensejando, infelizmente, quase sempre, desequilíbrios mais sérios...

Possuindo o homem os fatores predisponentes para o seu surgimento e fixação (os débitos exarados na mente espiritual culpada), faculta uma simbiose entre as mentes, encarnadas ou desencarnadas, mas de maior incidência na esfera entre o Espírito desatrelado do carro somático e o viandante da névoa carnal, constituindo tormento de larga expansão que, não atendido convenientemente, termina por atingir estados desesperadores e fatais.

Estudos Espíritas – Joana de Angelis / Divaldo P. Franco – pág. 19

Acrescentemos, por fim, que algumas obsessões tenazes, sobretudo em pessoas de mérito, fazem às vezes parte das provações a que essas pessoas estão sujeitas. Acontece mesmo que a obsessão, quando simples, é uma tarefa imposta ao obsidiado, qual a de trabalhar pela regeneração do obsessor, como um pai pela de um filho vicioso.

Obras Póstumas – Allan Kardec – pág. 72

Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e cuja origem freqüentemente se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor, em precedente existência.

A Gênese – Allan Kardec – Cap. XIV

O que se depreende da advertência de André Luiz é que somos os únicos responsáveis pelas sintonias infelizes do nosso hoje, graças sempre ao longo caminho de vícios que palmilhamos ontem.

Ação e reação. Causa e efeito. Hoje, choramos ao peso das aflições que nós mesmos semeamos. Agora, reclamamos pelos padecimentos obsessivos que nos atormentam a alma. Somos os atormentadores, agora atormentados, como nos fala Manoel Philomeno de Miranda.

Obsessão / Desobsessão – Suely C. Schubert – pág. 33

6. Como se processa

Justapondo-se sutilmente cérebro a cérebro, mente a mente, vontade dominante sobre vontade que se deixa dominar, órgão a órgão, através do perispírito pelo qual se identifica com o encarnado, a cada cessão feita pelo hospedeiro, mais coercitiva se faz a presença do hóspede, que se transforma em parasita insidioso...

Nos Bastidores da Obsessão – Manoel P. de Miranda – "Examinando a obsessão"

Encontrando em sua vítima os condicionamentos, a predisposição e as defesas desguarnecidas, disso tudo se vale o obsessor para instalar a sua onda mental na mente da pessoa visada. A interferência se dá por processo análogo ao que acontece no rádio, quando uma emissora clandestina passa a utilizar determinada freqüência operada por outra, prejudicando-lhe a transmissão. Essa interferência estará tanto mais assegurada quanto mais forte, potente e constante ela se apresentar, até abafar quase por completo os sons emitidos pela emissora burlada.

O perseguidor age persistentemente para que se efetue a ligação, a sintonia mental, enviando os seus pensamentos, numa repetição constante, hipnótica, à mente da vítima, que, incauta, invigilante, assimila-os e reflete-os, deixando-se dominar pelas idéias intrusas.

Kardec explica que há também um envolvimento fluídico: "Na obsessão, o espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma como teia e constrangido a proceder contra a sua vontade.

Há, pois, uma afinização da aura de ambos, uma identificação, cujas raízes se encontram nos compromissos do passado, possibilitando a sintonização inicial, que, por carência de méritos morais do paciente e por sua invigilância, transforma-se em obsessão.

A princípio, é uma idéia que o perseguidor emite e que, repetida, acaba por se fixar, perturbando o fluxo do pensamento de quem está sendo visado. Tendo a liberdade de escolha para refugar ou aceitar os pensamentos intrusos, a vítima geralmente se deixa dominar, torna-se passiva, por trazer nos refolhos da consciência a sensação da culpa ou, conforme o caso, por se comprazer no conúbio mental que se está instalando.

O obsessor atua na ânsia de alcançar os seus intentos, certo de que a perseverança, a perseguição sem tréguas, a constância da manifestação de sua vontade subjugarão o seu devedor.

É uma guerra sem quartel, que não tem hora e nem local, que se processa de modo silencioso e às ocultas, tendo por campo de batalha as consciências endividadas e como arma o pensamento dos contendores. O obsessor usará de variados estratagemas, de táticas diferentes, dependendo do seu grau de inteligência. Aquele que está sendo perseguido pode, aparentemente, apresentar-se indefeso. Mas, mesmo o maior dos devedores, terá ao seu alcance o escudo da prece e o amparo das Hostes de Luz, que lhe oferecem recursos para a defesa. A maioria, porém, fecha-se no poço de seus próprios erros, não enxergando as oportunidades sagradas de redenção que o Pai oferece. Afastando-se propositadamente da luz, deixar-se-á envolver pelas trevas. Estas durarão até que a vítima se resolva a sair, finalmente, para a claridade de uma nova vida.

Obsessão / Desobsessão/ Suely C. Schubert – cap. 9

Sutilmente, a princípio, em delicado processo de hipnose, a idéia obsedante penetra a mente do futuro hóspede que, desguardado das reservas morais necessárias (...) começa a dar guarida ao pensamento infeliz, incorporando-o às próprias concepções e traumas que vêm do passado, através de cujo comportamento cede lugar à manifestação ingrata e dominadora da alienação obsessiva.

Semente de Vida Eterna/ Manoel Philomeno de Miranda – cap. 30

Consciente ou inconscientemente, usando ou não de artifício e sutilezas, o obsessor age sempre aproveitando-se das brechas morais que encontra em sua vítima. Os condicionamentos do pretérito são como ímãs a atraí-lo, favorecendo a conexão imprescindível ao processo obsessivo, que tanto pode começar no berço, como na infância ou em qualquer fase da existência daquele que é alvo de seu interesse.

Obsessões existem que apenas dão prosseguimento na Terra, à obsessão preexistente no plano espiritual.

Há casos, em grande número, em que a ação do verdugo espiritual tem início em determinada época, apresentando-se de maneira declarada, ostensiva ou de modo sutil, quase imperceptível, que vai num crescendo até o ponto em que se caracteriza perfeitamente o problema.

Agindo na "surdina", o obsessor se utiliza de todos os recursos ao seu alcance. Sabe que o domínio que exerce sobre a sua vítima tem as suas raízes nos dramas do passado, em que ambos se enredaram, gerando compromissos de parte a parte. Sente, mesmo que não tenha cultura, instintivamente, que poderá interferir com o seu pensamento na mente daquele a quem persegue e também que a constância, a repetição exercerão uma espécie de hipnose que o medo e o remorso favorecem, conseguindo assim uma sintonia cada vez maior, até a subjugação ou possessão, dependendo da gravidade do caso e das dívidas que envolvem os personagens.

Nem sempre, porém, a ação do obsessor é fria e calculista. Nem sempre ele age com premeditação e com requintes de crueldade. Há obsessões, sim, que apresentam essas características, mas nem todas. Existem aquelas outras em que o algoz atua como que enlouquecido pela dor, pela angústia e sofrimentos. Não tem condições de raciocinar com clareza e sofre até mais que o obsidiado. Sua ação é desordenada, irrefletida e ele sabe apenas que deve ou tem de pedir contas ou se vingar daquele que o tornou infeliz. Não tem noção de tempo, de lugar, às vezes, esqueceu-se do próprio nome, ensandecido pelas torturas que o vitimaram.

Obsessão / Desobsessão/ Suely C. Schubert – cap. 14

Quando um Espírito, bom ou mau, quer atuar sobre um indivíduo, envolve-o, por assim dizer, no seu perispírito, como se fora um manto. Interpenetrando-se os fluidos, os pensamentos e as vontades dos dois se confundem e o Espírito, então, se serve do corpo do indivíduo, como se fosse seu, fazendo-o agir à sua vontade, falar, escrever, desenhar, quais os médiuns. Se o espírito é bom, sua atuação é suave, benfazeja, não impele o indivíduo senão à prática de atos bons; se é mau, força-o a ações más. Se é perverso e

malfazejo, aperta-o como numa teia, paralisa-lhe até a vontade e mesmo o juízo, que ele abafa com o seu fluido, como se abafa o fogo sob uma camada de água. Fâ-lo pensar, falar, agir em seu lugar, impele-o, a seu mau grado, a atos extravagantes ou ridículos; magnetiza-o, em suma, lança-o num estado de catalepsia moral e o indivíduo se torna um instrumento da sua vontade. Tal a origem da obsessão, da fascinação e da subjugação que se produzem em graus muito diversos de integridade. À subjugação, quando no paroxismo, é que vulgarmente dão o nome de possessão. É de notar-se que, nesse estado, o indivíduo tem muitas vezes consciência de que o que faz é ridículo, mas é forçado a fazê-lo, tal como se um homem mais vigoroso do que ele o obrigasse a mover, contra a vontade, os braços, as pernas e a língua.

(Obras Póstumas /Allan Kardec – pág. 68)

Parasita pertinaz, a obsessão se constitui de toda idéia que se fixa de fora para dentro - como na hipnose, por sugestão consciente ou não, como pela incoercível persuasão de qualquer natureza a que se concede arrastar o indivíduo. Ou, de dentro para fora, pela dominadora força psíquica que penetra e se espalha, no anfitrião que a agasalha e sustenta, vencendo-lhe as débeis resistências.

Estudos Espíritos – Joanna de Ângelis / Divaldo P. Franco – cap. 19

7. Graus de intensidade

A obsessão apresenta caracteres diversos, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra obsessão é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenômeno, cujas principais variedades são: a *obsessão simples*, a *fascinação* e a *subjugação*.

Na *obsessão simples*, o médium sabe muito bem que se acha presa de um Espírito mentiroso e este não se disfarça; de nenhuma forma dissimula suas más intenções e o seu propósito de contrariar. O médium reconhece sem dificuldade a felonía e, como se mantém em guarda, raramente é enganado.

Podem incluir-se nesta categoria os casos de obsessão física, isto é, a que consiste nas manifestações ruidosas e obstinadas de alguns Espíritos, que fazem se ouçam, espontaneamente, pancadas ou outros ruídos.

A *fascinação* tem conseqüências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste.

Fora erro acreditar que a este gênero de obsessão só estão sujeitas as pessoas simples, ignorantes e baldas de senso. Dela não se acham isentos nem os homens de mais espírito, os mais instruídos e os mais inteligentes sob outros aspectos, o que prova que tal aberração é efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem.

Já dissemos que muito mais graves são as conseqüências da fascinação. Efetivamente, graças à ilusão que dela decorre, o Espírito conduz o indivíduo de quem ele chegou a apoderar-se, como faria com um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas.

Compreende-se facilmente toda a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação; compreende-se também que os Espíritos que produzem esses dois efeitos devem diferir de caráter. Na primeira, o Espírito que se agarra à pessoa não passa de um importuno pela sua tenacidade e de quem aquela se impacienta por desembaraçar-se. Na segunda, a coisa é muito diversa. Para chegar a tais fins, preciso é que o Espírito seja destro, ardiloso e profundamente hipócrita, porquanto não pode operar a mudança e fazer-se acolhido, senão por meio da máscara que toma e de um falso aspecto de virtude. Os grandes termos - caridade, humildade, amor de Deus - lhe servem como que de carta de crédito, porém, através de tudo isso, deixa passar sinais de inferioridade, que só o fascinado é incapaz de perceber. Por isso mesmo, o que o fascinador mais teme são as pessoas que vêem claro. Daí o consistir a sua tática,

quase sempre, em inspirar ao seu intérprete o afastamento de quem quer que lhe possa abrir os olhos. Por esse meio, evitando toda contradição, fica certo de ter razão sempre.

A *subjugação* é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro jugo.

A subjugação pode ser moral ou corporal. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é uma como fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários.

Vai, às vezes, mais longe a subjugação corporal; pode levar aos mais ridículos atos. Conhecemos um homem, que não era jovem, nem belo e que, sob o império de uma obsessão dessa natureza, se via constrangido por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica, que o forçava, não obstante a resistência que lhe opunha a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão. Esse homem passava por louco entre as pessoas de suas relações; estamos, porém, convencidos de que absolutamente não o era, porquanto tinha consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofria horrivelmente.

Dava-se outrora o nome de *possessão* ao império exercido por maus espíritos, quando a influência deles ia até a aberração das faculdades da vítima. A *possessão* seria, para nós, sinônimo da *subjugação*. Por dois motivos deixamos de adotar esse termo: primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, enquanto que não há senão seres mais ou menos imperfeitos, os quais todos podem melhorar-se; segundo, porque implica igualmente a idéia do apoderamento de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que o que há é apenas constrangimento. A palavra *subjugação* exprime perfeitamente a idéia. Assim, para nós, não há *possessos*, no sentido vulgar do termo, há somente *obsidiados*, *subjugados* e *fascinados*.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec

Obsessão simples - é percebida pela pessoa; sua insistência incomoda, mas o problema não está enraizado. Ex: o chamado "encosto", as situações mentais e fluídicas esporádicas. É encontrada no período pré-mediúnico. De modo geral todos nós a sofremos de vez em quando.

Fascinação - neste caso, o obsidiado não se reconhece importunado, porque o obsessivo foi astuto e, agindo disfarçadamente, conseguiu fasciná-lo com uma ilusão. O obsidiado acha a sua ilusão certa e bela, confiando no obsessivo.

Subjugação - a vontade do obsidiado foi dominada, moral ou fisicamente. Ex: médium que se sente compelido a escrever sempre, em qualquer local ou momento, e até mesmo sem lápis ou caneta; movimentos involuntários, tais como ajoelhar-se, erguer as mãos para o céu, falar sozinho na rua.

Obs: Kardec não adota o termo *possessão* porque implicaria na idéia de seres criados para viverem o mal eternamente e na idéia de um Espírito tomar posse do corpo do encarnado ou com ele coabitar, o que não é verdadeiro.

Estudos Sobre Mediunidade – 4º fascículo – pág. 36

473. Pode um Espírito tomar temporariamente o invólucro corporal de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e obrar em lugar do outro que se acha encarnado neste corpo?

"O Espírito não entra em um corpo como entras numa casa. Identifica-se com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de obrar conjuntamente com ele. Mas, o encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, por isso que este terá que permanecer ligado ao seu corpo até ao termo fixado para sua existência material."

474. Desde que não há *possessão* propriamente dita, isto é, *coabitação* de dois espíritos no mesmo corpo, pode a alma ficar na dependência de outro Espírito, de modo a se achar *subjugada* ou *obsidiada* ao ponto de a sua vontade vir a achar-se, de certa maneira, *paralisada*?

"Sem dúvida e são esses os verdadeiros possessos. Mas, é preciso saibas que essa dominação não se efetua nunca sem que aquele que a sofre o consinta, quer por sua fraqueza, quer por desejá-la. Muitos epiléticos ou loucos, que mais necessitavam de médico que de exorcismos, têm sido tomados por possessos."

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – cap. IX

A obsessão se caracteriza pela ação de entidades espirituais inferiores sobre o psiquismo humano. Kardec distinguiu, em suas pesquisas, três graus do processo obsessivo: obsessão simples, subjugação e fascinação. No primeiro grau a infestação espiritual atinge a mente causando perturbações mentais; no segundo grau amplia-se aos centros da afetividade e da vontade, afetando os sentimentos e o sistema psico-motor, levando o obsedado a atitudes e gestos estranhos e tíques nervosos; no terceiro grau afeta a própria consciência da vítima, desencadeando processos alucinatorios.

Obsessão/O Passe/A Doutrinação/ J. Herculano Pires – pág. 1

A subjugação consiste na ação dominadora que o Espírito mau exerce, sujeitando-o momentaneamente à sua vontade, sobre outro Espírito que, mais fraco, se deixou dominar.

Para produzir os efeitos corporais ou físicos, atua fluidicamente sobre o encarnado, combinando com os deste os fluidos do seu perispírito, utilizando-se de todos os elementos de mediunidade, tanto sensitiva e impressionável, como de efeitos físicos, que lhe ofereça a organização da sua vítima. Faz-lhe sentir a sua presença, atormenta-a, põe-na em convulsões, numa palavra: por meio da ação fluídica exercida segundo a sua vontade dominante, dispõe a seu bel-prazer do corpo dela.

Para produzir efeitos corporais e morais, o obsessor procede também como acabamos de explicar. Serve-se dos elementos de mediunidade, audiente, falante, vidente, psicográfica, que encontra na sua vítima, atuando-lhe sobre os órgãos materiais aptos à manifestação que queira obter. Faz que lhe ouça a voz, que fale, que escreva, que tenha visões. Em suma, atormenta corporal e moralmente o subjugado por todos os meios que a organização deste lhe ponha à disposição. Indu-lo a resoluções muitas vezes absurdas ou comprometedoras, mesmo aos atos mais ridículos, ou então, pela ação fluídica que exerça sobre o cérebro da vítima, chega até a produzir nela, momentaneamente, a aberração das faculdades, o que, para os homens ainda não iluminados pela luz espírita, é uma loucura ordinária com intervalos de lucidez.

Desse modo se produziram todos os efeitos, tanto corporais ou físicos, como corporais e morais, nos casos, que os Evangelhos relatam, de subjugação de encarnados, que eles designam por possessos, possessos do demônio.

Independentemente da obsessão e da subjugação, quer corporal apenas, quer corporal e moral, há os casos, a que podeis chamar possessão, em que o Espírito do obsessor se substitui ao do encarnado no seu corpo, a fim de servir-se deste como se lhe pertencera. Tais casos são muito raros.

A substituição se opera da maneira seguinte: pela ação da vontade dominadora do mau Espírito, o Espírito encarnado é, por assim dizer, expulso do seu corpo, ao qual se conserva ligado apenas por um cordão fluídico com o auxílio do perispírito. Combinando os fluidos do seu perispírito com os do perispírito do encarnado, o Espírito mau se introduz no corpo pertencente a este e lhe imprime uma ação que é o produto daquela combinação. O perispírito do encarnado fica sendo o instrumento e o auxiliar indispensável ao outro para que, por ato da sua vontade dominadora, possa servir-se do corpo de que se apoderou, como se seu próprio fora.

Enquanto dura a substituição momentânea, o Espírito do encarnado, fora do corpo que lhe pertence e ligado a ele somente pelo cordão fluídico, vê, sem poder impedi-lo, por se achar dominado e submetido à vontade do outro, o que este faz.

Uma tal substituição, tanto se pode dar em estado de vigília, como no de sonambulismo do encarnado. No primeiro caso, consideram-no quase sempre um desarranjo do cérebro.

Repetimos: essas substituições são muito raras.

Os Quatro Evangelhos / J. B. Roustoning – 1º vol. – págs. 390 a 392

476. Mas, não pode acontecer que a fascinação exercida pelo mau Espírito seja de tal ordem que o subjugado não a perceba? Sendo assim, poderá uma terceira pessoa fazer que cesse a sujeição da outra? E, nesse caso, qual deve ser a condição dessa terceira pessoa?

"Sendo ela um homem de bem, a sua vontade poderá ter eficácia, desde que apele para o concurso dos bons Espíritos, porque, quanto mais digna for a pessoa, tanto maior poder terá sobre os Espíritos imperfeitos, para afastá-los, e sobre os bons para os atrair. Todavia, nada poderá, se o que estiver subjugado não lhe prestar o seu concurso. Há pessoas a quem agrada uma dependência que lhes lisonjeia os gostos e os desejos. Qualquer, porém, que seja o caso, aquele que não tiver puro o coração nenhuma influência exercerá. Os bons Espíritos não lhe atendem ao chamado e os maus não o temem."

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – cap. IX

Na obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma como teia e constringido a proceder contra a sua vontade.

Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. A possessão, conseqüentemente, é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção.

De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se seu próprio fora: fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, opera com seus braços, conforme o faria se estivesse vivo, quem o haja conhecido em vida, reconhece-lhe a linguagem, a voz, os gestos e até a expressão da fisionomia.

Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, toma do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta, como emprestaria seu fato a outro encarnado. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo.

Quando é mau o Espírito possessor, as coisas se passam de outro modo. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, arrebatá-o, se este não possui bastante força moral para lhe resistir. Fá-lo por maldade para com este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo, já por estrangulação, já atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, blasfema, injúria e maltrata os que o cercam; entrega-se a excentricidades e a atos que apresentam todos os caracteres da loucura furiosa.

A Gênese – Allan Kardec – cap. XIV

Uma forma de obsessão perigosa é aquela que passa quase despercebida e se instala vagarosa e firmemente nos painéis mentais, estabelecendo comportamentos equivocados com aparência respeitável.

Apresenta-se em pessoas que denotam grave postura e sabem conquistar outras pela facilidade de comunicação verbal, tornando-as afáveis e gentis, desde que não tenham os seus caprichos e interesses contrariados. Dão impressões sociais que não correspondem ao seu estado real, porquanto adotam comportamentos parasitas que os credenciam a supor-se méritos que não possuem.

Interiormente, vivem sob conflitos que disfarçam com habilidade, daí nascendo, dessa dupla atitude para com a vida, situações neurotizantes que desarticulam o equilíbrio emocional, igualmente sob o bombardeio das farpas mentais destrutivas dos seus inimigos espirituais.

São galantes, em grupo, e, a sós, taciturnos; idealistas, na comunidade, aplicando teorias verbais, que não demonstram em atos, porque não crêem nelas; cordiais exteriormente, todavia, arrogantes e sem resistências para as lutas morais.

Nesse clima psíquico, que ressuma das experiências de vidas passadas, hospeda-se o agressor desencarnado que insufla maior dose de indiferença pelos problemas alheios, desbordando o egocentrismo que termina por aliená-los enquanto agasalham e vitalizam as paixões dissolventes.

Esse tipo de perturbação espiritual é mais difícil de ser erradicado, em razão de o paciente negar a sua situação de enfermo, antes comprazendo-se nela, porque o narcisismo a que se entrega, converte-se em autofascinação por valores que se atribui e está longe de os possuir, anulando qualquer contribuição que lhe é oferecida.

Somente a humildade, que dá a dimensão da pequenez e fraqueza humana ante a grandiosidade da vida, faculta uma visão legítima, através da qual se pode fazer uma justa avaliação de recursos, recorrendo-se à Divindade pela prece ungida de amor, antídoto eficaz para os distúrbios obsessivos.

Painéis da Obsessão/ Manoel P. de Miranda/Divaldo Franco – pág. 187

8. As várias formas de obsessão

(...) existem problemas obsessivos em várias expressões, como os de um encarnado sobre outro; de um desencarnado sobre outro; de um encarnado sobre um desencarnado e, genericamente, deste sobre aquele. (Manoel P. de Miranda)

Sementes de Vida Eterna/ Divaldo Franco – cap. 30

Obsessão - Um problema a expressar-se de várias maneiras.

Além das relacionadas por Manoel P. de Miranda, acrescentaremos: a obsessão recíproca e a auto-obsessão.

8.1. De encarnado para encarnado

Pessoas obsediando pessoas existem em grande número. Estão entre nós. Caracterizam-se pela capacidade que têm de dominar mentalmente aqueles que elegem como vítimas.

Este domínio mascara-se com os nomes de ciúme, inveja, paixão, desejo de poder, orgulho, ódio, e é exercido, às vezes, de maneira tão sutil que o dominado se julga extremamente amado. Até mesmo protegido.

Essas obsessões correm por conta de um amor que se torna tiranizante, demasiadamente possessivo, tolhendo e sufocando a liberdade do outro.

É, por exemplo, o marido que limita a liberdade da esposa, mantendo-a sob o jugo de sua vontade; é a mulher que tiraniza o companheiro, escravizando-o aos seus caprichos; são os pais que se julgam no direito de governar os filhos, cerceando-lhes toda e qualquer iniciativa; são aqueles que, em nome da amizade, influenciam o outro, mudando-lhe o modo de pensar, exercendo sempre a vontade mais forte o domínio sobre a que se apresentar mais passiva.

São ainda as paixões escravizantes que, desequilibrando emocionalmente os seres, podem ocasionar dramas dolorosos, configurados em pactos de suicídio, assassinios etc.

O mesmo sucede sob o império do ódio ou quaisquer outros sentimentos de ordem inferior. Até mesmo dentro dos lares, na mesma família, onde se reencontram antigos desafetos, velhos companheiros do mal, comparsas de crimes nefandos, convocados pela Justiça Divina ao reajustamento. Entretanto, escravizados ao passado, deixam-se levar por antipatia e aversão recíprocas, que bem poucos conseguem superar de imediato. Surgem daí muitas das rixas familiares, já que esses Espíritos, agora unidos pelos

laços da consangüinidade, prosseguem imantados às paixões do pretérito, emitindo vibrações inferiores e obsediando-se mutuamente.

Obsessão/Desobsessão/ Suely C. Schubert – cap. 5

8.2. De desencarnado para desencarnado

Espíritos que obsediam Espíritos. Desencarnados que dominam outros desencarnados, são expressões de um mesmo drama que se desenrola tanto na Terra quanto no Plano Espiritual inferior.

As humanidades se entrelaçam: a dos seres incorpóreos e a dos que retomaram a carne. Situações que ocorrem na Crosta são, em grande parte, reflexos da odisséia que se desenvolve no Espaço. E viceversa.

Os homens são os mesmos: carregam os seus vícios e paixões, as suas conquistas e experiências onde quer que estejam.

Por isso há no Além-túmulo obsessões entre Espíritos. Por idênticos motivos das que ocorrem na face da Terra.

Em quase todos os processos obsessivos desencadeados pelo que já desencarnou, junto ao que ainda está preso ao veículo físico, o obsessivo cioso da cobrança costuma, em geral, aliciar outros Espíritos para secundá-lo em sua vingança. Tais "ajudantes" são invariavelmente inferiores e de inteligência menos desenvolvida que a de seus chefes. A sujeição mental a que se submetem tem suas origens no temor ou até em compromissos ou dívidas existentes entre eles, havendo casos em que o "chefe" os mantém sob hipnose - processo análogo, aliás, ao utilizado com as vítimas encarnadas.

O jogo dos obsessores só é possível em razão da desarmonia vibratória de suas presas, que só alcançarão a liberdade quando modificarem a própria direção mental. Certamente recebem, tanto quanto os obsessores, vibrações amorosas e equilibradas dos benfeitores espirituais, que lhes aguardam a renovação. Espíritos endividados e compromissados entre si mesmos, através de associações tenebrosas, de idêntico padrão vibratório, se aglomeram em certas regiões do espaço, obedecendo à sintonia e à lei de atração, formando hordas que erram sem destino ou se fixam temporariamente, em cidades, colônias, núcleos, enfim, de sombras e trevas.

Obsessão/Desobsessão/ Suely C. Schubert – cap. 5

8.3. De encarnado para desencarnado

À primeira vista, a obsessão do encarnado sobre o desencarnado pode parecer difícil ou mais rara de acontecer. Mas, ao contrário, é fato comum, já que as criaturas humanas, em geral por desconhecimento, vinculam-se obstinadamente aos entes amados que as precederam no túmulo.

Expressões de amor egoísta e possessivo, por parte dos que ainda estão na carne, redundam em fixação mental naqueles que desencarnaram, retendo-os às reminiscências da vida terrestre. Essas emissões mentais constantes, de dor, revolta, remorso e desequilíbrio terminam por imantar o recém-desencarnado aos que ficaram na Terra, não lhes permitindo alcançar o equilíbrio de que carece para enfrentar a nova situação.

A inconformação e o desespero, pois, advindos da perda de um ente querido, podem transformar-se em obsessão que irá afligi-lo e atormentá-lo.

Idêntico processo se verifica quando o sentimento que domina o encarnado é o do ódio, da revolta, etc.

É bastante comum, também, que herdeiros insatisfeitos com a partilha dos bens determinada pelo morto se fixem mentalmente neste, com seus pensamentos de inconformação e rancor. As disputas de

herança afetam dolorosamente os que já se desprenderam dos liames carnis, se estes ainda não conquistaram posição espiritual de equilíbrio. E, mesmo neste caso, a disputa entre os herdeiros em torno dos bens irá confrangê-los e preocupá-los.

Obsessão/Desobsessão/ Suely C. Schubert – cap. 5

8.4. De desencarnado para encarnado

É a atuação maléfica de um Espírito sobre um encarnado.

O processo obsessivo entre os seres invisíveis e os que estão encarnados parece ser o de maior incidência.

Evidentemente, por ser mais fácil ao desencarnado influenciar e dominar a mente daquele que está limitado pelo veículo somático.

Agindo nas sombras, o obsessor tem, a seu favor, o fato de não ser visível e nem sempre percebido ou pressentido pela sua vítima. Esta, incauta, imprevidente, desconhecendo até a possibilidade da sintonia entre os seres do Plano Espiritual e os da Esfera Terrestre, deixa-se induzir, suggestionar e dominar pelo perseguidor, que encontra em seu passado as "tomadas" mentais que facultarão a conexão. Estas "tomadas" são os fatores predisponentes, como a presença da culpa e do remorso. Nem sempre, contudo, o Espírito está consciente da sua influência negativa sobre o encarnado. Não raro, desconhecendo a sua situação, pode, sem o saber, aproximar-se de uma pessoa com a qual se afinize e assim prejudicá-la com suas vibrações. Outros o fazem intencionalmente; a maioria, com o intuito de perseguir ou vingar-se.

Obsessão/Desobsessão/ Suely C. Schubert – cap. 5

8.5. Obsessão recíproca

A obsessão pode assumir ainda, em qualquer de suas expressões até agora mencionadas, a característica de obsessão recíproca. André Luiz, observando o caso de Libório - que obsediava a mulher por quem sentia paixão, vampirizando-lhe o corpo físico - esclarece a respeito: "O pensamento da irmã encarnada que o nosso amigo vampiriza está presente nele, atormentando-o. Acham-se ambos sintonizados na mesma onda. É um caso de perseguição recíproca. (...) enquanto não lhes modificamos as disposições espirituais (...) jazem no regime da escravidão mútua, em que obsessores e obsidiados se nutrem das emanções uns dos outros."

Essa característica de reciprocidade transforma-se em verdadeira simbiose, quando dois seres passam a viver em regime de comunhão de pensamentos e vibrações. Isto ocorre até mesmo entre os encarnados que se unem através do amor desequilibrado, mantendo um relacionamento enervante.

São as paixões avassaladoras que tornam os seres totalmente cegos a quaisquer outros acontecimentos e interesses, fechando-se ambos num egoísmo a dois, altamente perturbador. Esses relacionamentos, via de regra, terminam em tragédias se um dos parceiros modificar o seu comportamento em relação ao outro.

Não raro, encontramos em nossas reuniões casos de obsidiados que estão sendo tratados e que afirmam desejar livrar-se do jugo do obsessor. Quando este, entretanto, comunica-se gaba-se de que o encarnado o chama insistentemente e diz precisar dele (obsessor), não se podendo separar, pois necessitam um do outro. Alguns chegam mesmo a proclamar que entre ambos existe paixão, razão pela qual têm de permanecer juntos.

Se o encarnado diz que pretende libertar-se, isto se deve ao fato de que fisicamente ele sofre com tal situação. No íntimo, todavia, tem prazer em situar-se como vítima. Durante o sono, por certo, busca a companhia do outro, comprazendo-se com a permuta de vibrações e sensações.

Obsessão/Desobsessão/ Suely C. Schubert – cap. 5

8.6. Auto-obsessão

"O homem não raramente é o obsessivo de si mesmo", é o que assevera o Codificador.

Tal coisa, porém, bem poucos admitem. A grande maioria prefere lançar toda a culpa de seus tormentos e aflições aos Espíritos, livrando-se, segundo julgam, de maiores responsabilidades.

Kardec vai mais longe e explica: "Alguns estados doentios e certas aberrações que se lançam à conta de uma causa oculta, derivam do Espírito do próprio indivíduo."

Tais pessoas estão ao nosso redor. São doentes da alma. Percorrem os consultórios médicos em busca do diagnóstico impossível para a medicina terrena. São obsessivos de si mesmos, vivendo um passado do qual não conseguem fugir.

Mas existem também aqueles que portam auto-obsessão sutil, mais difícil de ser detectada. É, no entanto, moléstia que está grassando em larga escala atualmente.

Um médico espírita disse-nos, certa vez, que é incalculável o número de pessoas que comparecem aos consultórios, queixando-se dos mais diversos males - para os quais não existem medicamentos eficazes - e que são tipicamente portadores de auto-obsessão. São cultivadores de "moléstias fantasmas". Vivem voltados para si mesmos, preocupando-se em excesso com a própria saúde (ou se descuidando dela), descobrindo sintomas, dramatizando as ocorrências mais corriqueiras do dia-a-dia, sofrendo por antecipação situações que jamais chegarão a se realizar, flagelando-se com o ciúme, a inveja, o egoísmo, o orgulho, o despotismo e transformando-se em doentes imaginários, vítimas de si próprios, atormentados por si mesmos.

Esse estado mental abre campo para os desencarnados menos felizes, que dele se aproveitam para se aproximarem, instalando-se, aí sim, o desequilíbrio por obsessão.

Obsessão/Desobsessão/ Suely C. Schubert – cap. 5

Auto-obsessão - Quando nos obsediamos a nós mesmos, pelo trabalho excessivo da mente em idéias improdutivas, egoístas, orgulhosas, de temor, etc.. Temos então, a imaginação fantasiosa, o misticismo doentio, as fixações mentais inalteráveis, enfim, tudo o que ultrapassa o limite da normalidade.

Estudos Sobre Mediunidade/4º fascículo – pág. 137

9. Quanto tempo dura

A obsessão, que se instala e manifesta de forma sutil ou violenta, poderá ter uma duração:

- Breve, transitória.
- Periódica (que retorna ou se acentua, de vez em quando).
- Permanente (durante uma encarnação ou mais).

Segundo relatos que encontramos na literatura Espírita, uma obsessão pode durar dias, meses, anos, séculos e até milênios. (Ex: "Dramas da Obsessão", e "Nas Voragens do Pecado", psicografados por Yvonne A. Pereira).

Estudos Sobre Mediunidade/ 4º fascículo – pág. 137

10. Conseqüências da obsessão

Distúrbio espiritual de longo curso, a obsessão procede dos painéis íntimos do homem, exteriorizando-se de diversos modos, com graves conseqüências, em forma de distonias mentais, emocionais e desequilíbrios fisiológicos.

Estudos Espíritas/ Joanna de Angelis/Divaldo P. Franco – cap. 19

- A subjugação corporal, levada a certo grau, poderá ter como conseqüência a loucura?

Pode, há uma espécie de loucura cuja causa o mundo desconhece, mas que não tem relação alguma com a loucura ordinária. Entre os que são tidos por loucos, muitos há que apenas são subjugados; precisariam de um tratamento moral, enquanto que com os tratamentos corporais os tornam verdadeiros loucos. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes do que com as duchas.

O Livro dos Médiuns/ Allan Kardec – item 254 – 6ª questão

Quando ultrapassam o limite de simples influências, enraizando-se na mente da vítima que passa a viver sob o domínio quase total do obsessor, as obsessões assumem caráter de subjugação ou possessão e ocasionam sérios danos ao organismo do obsidiado. Surgem, assim, distúrbios variados, difíceis de serem diagnosticados com precisão e difíceis até de serem constatados.

A permanência nesse estado lesa o organismo físico, instalando-se nele enfermidades reais.

Dessa forma, a obsessão pode ter como conseqüência, entre outras, a loucura, a epilepsia, a esquizofrenia, e levar ao suicídio, ou aos vícios em geral.²

Temos presenciado muitos casos dolorosos, onde a aparente loucura mascara o verdadeiro quadro: a possessão.

André Luiz apresenta-nos elucidação a respeito, sobretudo, das enfermidades psíquicas clássicas: "(...) na retaguarda dos desequilíbrios mentais, sejam da ideação ou da afetividade, da atenção e da memória, tanto quanto por trás de enfermidades psíquicas clássicas, como, por exemplo, as esquizofrenias e as parafrenias, as oligofrenias e a paranóia, as psicoses e neuroses de multifária expressão, permanecem as perturbações da individualidade transviada do caminho que as Leis Divinas lhe assinalam à evolução moral."

São pois enfermidades da alma a se refletirem no corpo físico.

Importa deixar bem claro que não se deve confundir e generalizar, afirmando que tudo é obsessão, que tudo é provocado por obsessores, como também não se deve atribuir todas as nossas dificuldades à ação dos Espíritos perturbadores. E Kardec não deixou de nos advertir quanto a isto, a esse exagero tão comum no meio espírita. Nem sempre os problemas são de origem espiritual. Pode ser até mesmo um processo de auto-obsessão, como já vimos.

Também é preciso não confundir esses estados com sintomas de mediunidade. Ocorre freqüentemente que muitos espíritas de boa vontade e bem intencionados, por desconhecimento, diante de pessoas portadoras de epilepsia, em quaisquer de suas modalidades, afirmam tratar-se de mediunidade, sendo necessário desenvolvê-la. Tais enfermos são encaminhados sem mais delongas às reuniões mediúnicas, onde não somente persistem com seus problemas, mas ainda provocam desequilíbrio nos trabalhos, já que não estão aptos a assumir as tarefas da mediunidade que requerem disciplina, estudo e discernimento.

Mediunidade não é doença e nem os sinais de sua eclosão podem ser confundidos com enfermidades. Há que se fazer distinção entre uma enfermidade e os sintomas do desabrochar da faculdade mediúnic. "Conveniente, nesse como noutros casos, cuidar-se de examinar as síndromes das

² Uma pessoa pode ser levada aos vícios pela atuação de obsessores ou, ainda, de moto próprio, atraindo entidades infelizes que se utilizarão dela para se locupletarem.

enfermidades psiquiátricas, a fim de não as confundir com os sintomas da mediunidade, no período inicial da manifestação, quando o médium se encontra atormentado.

É muito comum encontrarmos casos de caráter misto onde se conjugam obsessão e males físicos. O Espírito enfermo, endividado, plasma no seu envoltório perispírico os desvios, as deformidades de que é portador. Conseqüentemente, renascerá em corpo físico que por sua vez refletirá as desarmonias preexistentes no Espírito.

O Codificador, ciente dessa possibilidade, aconselhava, já em sua época, que se deveria aliar, nesses casos, o tratamento magnético ao médico. O que se vê, contudo, é que muitos espíritas, ignorando as ponderações de Kardec, acostumaram-se a diagnosticar apressadamente, confundindo doença com mediunidade. E, como acham que tudo é mediunidade, muitos aconselham logo a suspensão do tratamento médico e da medicação anticonvulsiva, o que poderá acarretar sérios danos ao enfermo. Os remédios que controlam as crises epilépticas não podem ser suspensos repentinamente, sob pena de o paciente ter o seu estado agravado.

Mesmo que o caso seja misto, isto é, físico e espiritual, ainda assim, não se deve encaminhar sumariamente o enfermo ao exercício das tarefas mediúnicas. Ele necessita ser tratado espiritualmente, ser orientado para os recursos que a Doutrina Espírita coloca ao alcance de toda a Humanidade. Necessita promover a sua auto-desobsessão. E, como mencionamos anteriormente, se está sob o domínio de obsessores, tem o seu pensamento controlado por eles, o que é óbvio, é o principal motivo que obstará o desenvolvimento de sua faculdade mediúnica.

Obsessão/Desobsessão/ Suely C. Schubert – cap. 10